

Como nossos pais¹

Eliecim Fidelis²

Dois livros são as referências para o plural do título deste trabalho; assim como servirão de base para o seu conteúdo. Servirão ainda para interrogarmos nossa paternidade familiar e nossa paternidade Psi.

Os dois livros são: *Cartas aos filhos* e *Um pai: puzzle*. Enquanto o primeiro retrata posições e sentimentos de um pai para com os filhos, o segundo livro revela os sentimentos de uma filha para com seu pai. O pai, autor das cartas, é Sigmund Freud; a filha, autora do livro, é Sibylle Lacan.

Freud tinha mais de cinquenta anos em 1907, quando começou escrever cartas destinadas aos filhos. Estes acompanhavam sua vida profissional; conviviam com os discípulos mais próximos que hospedavam em sua casa; liam os trabalhos mais importantes escritos pelo pai; conheciam de perto alguns de seus pacientes, a ponto de Mathilde (a filha mais velha) fantasiar o casamento com um deles; enfim, estavam a par da ascensão do movimento psicanalítico e do ‘método de cura’ inventado pelo pai.

O primeiro filho, Martin, quando ainda jovem, passou um período em que se apresentava assim: Martin Freud, o filho mais velho de Sigmund Freud.

No entanto, nenhum deles escolheu o curso universitário nem o campo de trabalho do pai: Martin fez direito; Oliver, engenharia; Ernst, arquitetura. Apenas a caçula, Anna, seguiu os passos do pai.

“A postura ética fazia parte da seriedade característica de Freud e estava ligada ao ideal da falta de ilusões da vida, e isso era o que ele defendia tanto em relação aos filhos quanto em relação à teoria psicanalítica. Como diz Martin, Freud tinha um modo de olhar nos olhos das pessoas que impossibilitava qualquer tentativa de dizer-lhe alguma inverdade. Tratava os filhos com respeito, emitia opiniões com franqueza e deles exigia um posicionamento de sinceridade, mas também aceitava as razões dos filhos quando esses justificavam não acatar suas posições. Por exemplo, em 1914 ele se esforçou para deter o filho ao alistamento voluntário à guerra, mas quando Martin não cedeu ele aprovou sua decisão.”. (Cf. p. 19/20).

A família trazia arraigado o senso familiar judaico muito forte que entende que ‘não se deixa a família na mão’; e não se furtava a apoiar mesmo aqueles já adultos e autônomos em suas necessidades pessoais e financeiras. Mas, em um livro de memórias do pai, Martin queixa-se de que Freud, embora mostrasse interesse profundo pelos filhos, não estava à disposição deles no dia a dia, salvo nas férias. Diz também que existia na família um princípio que dizia: “em situações de emergência, os filhos podem recorrer ao pai”.

As cartas evidenciam a postura do pai Freud em momentos de emergência material, moral e em crises psicológicas, em que ele, com total dedicação, procurava ajudar. Destacam, enfim, o esforço constante do pai em apoiar os filhos, erguê-los em casos de necessidade e ancorá-los na solidariedade familiar.

Falando do segundo livro.

¹ Trabalho apresentado na Jornadinha de Verão realizada em 19/03/2022 pelo Espaço Moebius Psicanálise.

² Psicanalista membro do Espaço Moebius Psicanálise - Salvador-BA.

Sibylle foi a terceira entre os três filhos do primeiro casamento de Lacan³. Em 1991, dez anos depois da morte do pai, e aos 51 anos de idade, ela escreveu *Um pai: puzzle*, trazendo depoimentos acerca da sua relação com o pai.

Logo na epígrafe da orelha do livro pode-se ler: “Um pai é um grito de amor solitário cujos ecos ultrapassam o tempo da leitura e permanece na memória”, o que já pode ser uma frase indicadora de um sentimento característico de uma das dimensões do pai, que conhecemos como o pai imaginário, mas que também pode trazer veladas fagulhas simbólicas e reais da relação filha/pai em discussão.

A autora começa o livro dizendo: “Quando nasci meu pai já não estava mais lá”. De fato, ela nasceu em 1940, o mesmo ano em que Lacan passou a viver com a segunda mulher, Sylvia Bataille – então ela nasceu em um clima de ruptura conjugal. Além disso, 1940 foi também o ano em que nasceu Judith, a filha de Lacan com Sylvia. Talvez por isso a autora acrescenta: “eu sou o fruto do desespero” – frases fortes que falam de uma posição subjetiva no mínimo desconfortável.

Ao longo do livro ela vai falar desse pai ausente. Ela diz ausente, mas convoca sua presença dedicando-lhe um livro cujo conteúdo representa essa presença ausente, mas também enquanto nome próprio. Confrontando com esse pai ausente, ela diz: “Sabíamos que tínhamos um pai, mas ele não estava lá”; “minha mãe foi tudo para nós: amor, segurança e autoridade.

Essa frase nos remete àquela outra frase do princípio do direito romano que tanto repetimos, que diz: “Mater sempre certa est, pater sempre incertus est”. O que nos leva a perguntar: Quanto essa dúvida, essa abertura na estrutura da paternidade pode trazer de consequência para as relações filiais, uma vez que um pai nunca é algo sabido, mas é sempre esse quebra-cabeça que precisa ser montado, precisa de uma narrativa, precisa ser tecido com uma rede mítica de palavras?

Ela fala muito das saídas para jantar com o pai, em bons restaurantes, esses lhe eram momentos bons. Outro registro marcante para a autora é a sua relação com a meia irmã Judith. Só aos 16/17 anos ela veio saber que tinha essa meia irmã da mesma idade. Diz que esse encontro a deixou arrasada porque viu em Judith tudo o que ela achava não ter em si: beleza, elegância, leveza e sociabilidade. Quanto a ela própria, descreve-se com traços de fadiga, cansaço, sonolência, perda de vontade de trabalhar; ela mesma chegou a inquirir ao pai um diagnóstico, e eis a resposta dada por ele: no século XIX seu estado seria chamado de neurastenia.

Em algum momento do texto ela descreve o jeito esquisito de Lacan – meu pai era mesmo ‘zanzan’ lelé da cuca; chegava sem ser esperado com corbelhas de flores na estação de viagem. Um dia Lacan foi visitá-la no hospital e levou flores, depois se ajoelhou junto ao leito em pose de meditação – ela então pensou: ele deve estar preparando o seminário dele.

³ Lacan teve quatro filhos de dois relacionamentos: no primeiro, com Marie-Louise Blondin (1934-1941), teve Caroline (1936), Thibaut (1939) e Sibylle (1940). Posteriormente teve Judith com a segunda companheira Sylvia Bataille (separada de Jorge Bataille, que passou a tornar-se cônjuge de 1953 a 1981, mas já viviam em relacionamento desde 1940). Caroline (a mais velha) morreu atropelada aos 37 anos deixando dois filhos; Thibaut – ainda vive; Sibylle, a autora do livro, morreu em 2013 e Judite faleceu em 2017.

Um dia ela pediu ao pai para ir vê-la, queria que ele a analisasse ou a levasse a um especialista; nesse dia, eles marcaram um horário. Ele se atrasou. Ela estava circulando na varanda de casa para ver a chegada do pai, quando avistou uma mulher saindo a passos rápidos de um motel próximo, e logo atrás vinha Lacan. Então ela se pergunta: Como pode meu pai marcar um encontro com uma amante na rua onde mora sua ex-mulher e seus três filhos, e justo no horário em que havia combinado um encontro comigo? Quanto a essa passagem, onde se misturam pai, filha e amante, várias alusões podem se feitas de tudo o que pode haver por trás das configurações edípicas e incestuosas, tanto do lado da filha como do lado pai.

Ela descreve ainda um momento em que precisou fazer outra cirurgia, estava sem dinheiro e sem seguro-saúde, e procurou o pai, mas este negou a ajuda. Ela ficou mal e insistiu. Ele, então, como se encerrassem uma sessão de análise, levantou-se, abriu a porta e indicou a saída.

Atentemos, agora, para o título e subtítulo do livro: *Um pai: puzzle*. Antecedido por um artigo indefinido – indicando Um pai, que pode ser qualquer um; mas também um pai indefinido, não pronto e acabado, mas de possível reconstrução; tudo isso justamente frente ao homem e ao psicanalista Lacan, aquele que teorizou a função paterna, a metáfora paterna e o Nome-do-Pai. Aqui, merece registrar que Sibylle orgulhava-se de trazer o sobrenome Lacan, e talvez fosse esse um único ponto em que se achava superior à irmã preferida do pai, Judith.

Quanto ao subtítulo, puzzle, em inglês, o termo traz conotações variadas que dão ideia de dúvida, enigma, confusão, atrapalhão, desorientação, embaraço – o que pode retratar o que representava esse Um pai para essa autora/filha, e para quem, na certa, ainda teríamos nós-outros tantos, filhos herdeiros, a acrescentar.

Sibylle não pôde ver a morte do pai porque estava em viagem a Viena. Quando retornou às pressas, ele não estava mais lá, assim como quando ela nasceu. Em 2013, 32 anos depois da morte de Lacan e 20 anos depois de escrever esse livro, Sibylle foi encontrada morta em seu apartamento em Paris, aos 73 anos, pela ingestão de diversos medicamentos.

E para concluir, inevitável associar o título deste trabalho com o da canção de Belquior, que não nos deixa esquecer que:

... apesar de termos feito tudo, tudo, tudo que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos paaais.

Referências:

FREUD, Sigmund. *Cartas aos filhos*. Organização Michael Schroter. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIBYLLE, Lacan. *Um pai: puzzle*. Texto extraído de vídeo do Youtube – Seminário realizado pela Maiêutica Florianópolis em 30/04/2021 – palestra feita por Maurício Eugênio Malista, psicanalista da Maiêutica e professor da Universidade de Santa Catarina.